

## **Disputas de sentido na construção da narrativa jornalística: um estudo de caso das notícias sobre parto humanizado em uma maternidade pública do Rio de Janeiro<sup>1</sup>**

Mariana Moreira de Menezes<sup>2</sup>

Leonel Azevedo de Aguiar<sup>3</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio

### **Resumo**

A partir da análise da cobertura jornalística de fatos relacionados ao Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, unidade pública com os melhores índices de parto normal do município do Rio de Janeiro, busca-se compreender como a narrativa jornalística e seu processo de produção são lugares de disputa de sentido do fato. Este estudo de caso utiliza autores da teoria do jornalismo, especialmente os de perspectiva interacionista, que sustentam que as notícias participam da construção social da realidade e que a produção de notícias é um processo interativo e de negociação permanente. A metodologia utilizada inspira-se nos preceitos da análise pragmática da narrativa jornalística (MOTTA, 2005).

**Palavras-chave:** jornalismo; teoria do jornalismo; produção de notícias; cobertura de Saúde; parto normal.

Nas maternidades particulares da cidade do Rio, praticamente não nascem mais crianças de parto normal. Segundo a Secretaria municipal de Saúde, 93% dos partos realizados nos hospitais privados são cesarianas, quando a Organização Mundial de Saúde recomenda que esse percentual não ultrapasse os 15%. Já nas unidades públicas do município, o índice é de 36% (*O Globo*, 2013).

### **Introdução**

A partir da análise da cobertura de fatos relacionados ao Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda (HMMABH), unidade pública com os melhores índices de parto normal do município do Rio de Janeiro, busca-se reafirmar que as notícias participam do processo de instituição da realidade social e que a produção de notícias é um processo interativo e de negociação permanente. Com base na reflexão desenvolvida por Gaye Tuchman (1983), Traquina lembra que a teoria interacionista “encara o processo de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da PUC-Rio e jornalista diplomada pela PUC-Rio. Email: mariana.moreira.menezes@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do PPG em Comunicação da PUC-Rio. Doutor e Mestre em Comunicação pela ECO/UFRJ. Jornalista diplomado pela UFF. Email: laaguiar@uol.com.br.

produção das notícias como interativo, onde diversos agentes sociais exercem um papel ativo no processo de negociação constante” (TRAQUINA, 2001, p. 64).

Todas as 60 matérias sobre a nova maternidade, desde sua inauguração, em maio de 2012, até o final de 2013, incluídas no *clipping* realizado pela Assessoria de Comunicação Social da Secretaria Municipal de Saúde (SMS) do Rio de Janeiro foram analisadas. Seis matérias sobre os principais acontecimentos envolvendo a unidade e o parto normal foram escolhidas para análise mais detalhada dos modos pelos quais se constituem as narrativas jornalísticas, especialmente pelo viés das teorias do jornalismo que o enfocam como uma forma de conhecimento sobre o real e um dispositivo de construção social da realidade.

No período analisado, portanto, a maternidade foi mencionada pela imprensa 60 vezes, sendo que em 31 matérias citada negativamente. Em 2012, a maternidade foi mencionada pela imprensa 18 vezes, sendo 16 matérias sobre a inauguração da unidade – que aconteceu em maio – e apenas uma matéria negativa. Em 2013, a maternidade foi mencionada 42 vezes, sendo 30 vezes de forma negativa.

A maior parte das notícias positivas foi sobre a inauguração da nova unidade e sobre os bons índices relativos ao parto normal humanizado. As principais notícias negativas foram sobre denúncias de óbitos de bebês na maternidade por “forçarem o parto normal”. As notícias analisadas refletem as disputas pelo espaço na mídia quando o tema é o incentivo à realização do parto normal.

Por fim, também é analisada a participação de alguns movimentos sociais a favor do parto normal e as dificuldades em ver os seus acontecimentos transformados em notícia, principalmente, se contarem com poucos recursos. O que reforça que o acesso à mídia é um poder, que nem sempre está ao alcance de todos os lados envolvidos na notícia.

A metodologia utilizada busca inspiração nos preceitos da *Análise Pragmática da Narrativa Jornalística* de Luiz Gonzaga Motta, que defende que as narrativas são dispositivos argumentativos que utilizamos em nossos jogos de linguagem.

A partir desse entendimento nos damos conta de que as narrativas midiáticas não são apenas representações da realidade, mas uma forma de organizar nossas ações em função de estratégias culturais em contexto. As narrativas e narrações são dispositivos discursivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões. Narrativas e narrações são formas de exercício de poder e de hegemonia nos distintos lugares e situações de comunicação. O discurso narrativo literário, histórico, jornalístico, científico, jurídico, publicitário e outros participam dos jogos de linguagem, todos realizam ações e performances sócio-culturais, não são só relatos representativos (MOTTA, 2005, p. 3).

### **A credibilidade das fontes oficiais**

No dia 13 de maio de 2012, Dia das Mães, os principais meios de comunicação da mídia carioca cobriam a inauguração do novo Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda (HMMABH), no Centro da cidade. Seis meses depois, a unidade atingia a meta da Organização Mundial da Saúde (OMS) de ter mais de 90% dos partos normais. No ano seguinte, em setembro de 2013, a maternidade alcançou a menor taxa de cesarianas da cidade e tornou-se referência do parto normal humanizado. Um mês depois, em outubro de 2013, foi acusada da morte de cinco bebês.

Nas quatro ocasiões, veículos de grande circulação noticiaram os fatos. O jornal *O Globo* noticiou a inauguração e a positiva evolução dos dados de atendimento da maternidade. O site G1, dentre outros veículos de comunicação, noticiaram a denúncia da morte de pelo menos cinco bebês na unidade. Para a teoria interacionista do jornalismo, os profissionais, “confrontados com abundância de acontecimentos e escassez do tempo, lutando para impor ordem no espaço e ordem no tempo” (TRAQUINA, 2001, p. 75), acabam criando uma rotina para conseguir cobrir os principais fatos considerados noticiáveis para a edição do dia ou hora seguintes. É daí que surge a pertinência das “rotinas produtivas”, bem como das necessárias “ordens” no tempo e no espaço.

A cerimônia de inauguração da nova maternidade pública contou com boa cobertura da imprensa por se tratar de um evento relacionado à Prefeitura do Rio. A maior parte das matérias abordou o evento no mesmo tom que o próprio release enviado pela SMS. A matéria<sup>4</sup> do jornal *O Globo* (Anexo A) sobre a inauguração da unidade, publicada no dia 14 de maio de 2012, menciona a participação do prefeito Eduardo Paes e o único entrevistado é o secretário municipal de Saúde, Hans Dohmann. *O Globo* também fala sobre a homenagem à mãe do compositor Chico Buarque e ressalta a presença da cantora Miúcha, filha de Maria Amélia, e Silvia de Albuquerque, irmã da homenageada. A inauguração entrou na pauta por ser um evento de um órgão oficial com a presença de celebridades e autoridades.

A unidade chamou atenção pelos padrões considerados de maternidade privada, oferecendo conforto e tecnologia moderna. Em 2012, foi mencionada pela imprensa 18

---

<sup>4</sup> “O prefeito Eduardo Paes inaugurou ontem, no Dia das Mães, o Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro. A unidade funciona com uma equipe de cem médicos e tem capacidade para fazer até 500 partos por mês. Com um investimento de R\$ 14 milhões, o espaço abriga 88 leitos de internação, 34 de terapia intensiva neonatal e três salas de cirurgia. Equipada com tecnologia de ponta, a unidade, na Rua Moncorvo Filho, tem aparelhos de ventilação mecânica, incubadoras modernas e sala de ultrassonografia” (*O Globo*, 14/05/2012, p.11).

vezes, sendo 16 matérias positivas sobre a inauguração, que aconteceu em maio, e apenas uma negativa. A outra menção positiva foi sobre ter alcançado a meta da OMS de ter mais de 90% dos partos normais, em seis meses de funcionamento, em uma nota<sup>5</sup> na coluna do Ancelmo Gois, do jornal *O Globo*, no dia 16 de novembro de 2012 (Anexo B).

Traquina afirma que os jornalistas usam os critérios de autoridade, produtividade e credibilidade para avaliar o grau de confiança da fonte, o que demonstra porque as fontes oficiais correspondem melhor do que as outras às necessidades dos jornalistas. “As fontes oficiais acabam por assumir uma credibilidade adquirida com o tempo e com a rotina. Se a credibilidade da “estória” não pode ser rapidamente confirmada, o jornalista procura basear-se na credibilidade da fonte, na sua honestidade” (TRAQUINA, 2011, p. 194).

Nos meses seguintes, a divulgação dos indicadores de saúde da unidade, como as baixas taxas de cesarianas e o sucesso do parto normal e humanizado, a transformou na nova referência neste tipo de atendimento. Após a publicação dos indicadores no jornal *O Globo*, logo se percebeu um aumento no número de mulheres com planos de saúde que procuravam a maternidade pública para ter seus bebês. O que o público sabe e com o que se importa em dado momento é, em grande parte, um produto do *gatekeeping* midiático. A população, muitas vezes carente de atendimento médico de qualidade ou acostumada a ler notícias negativas sobre unidades de saúde, foi agendada pelas notícias positivas em relação ao atendimento na nova maternidade pública, além da própria divulgação no boca a boca.

Na matéria<sup>6</sup> do jornal *O Globo* (Anexo C), do dia 23 de setembro de 2013, as fontes são a arquiteta Ana Karina Costa Amaral, personagem que optou pelo parto normal; José Vicente de Vasconcelos, médico pediatra da Maternidade Municipal Leila Diniz, especialista em Neonatologia; Aline Sudo, consultora de amamentação; Mônica Almeida, subsecretária de Atenção à Saúde da Secretaria de Estado de Saúde do Rio de Janeiro (SES-RJ); Julia Araújo dos Santos, personagem moradora de Duque de Caxias que também optou pelo parto normal; Hans Dohmann, secretário municipal de Saúde; e Vera Ferreira, vice-presidente do Conselho Regional de Medicina (Cremerj).

---

<sup>5</sup> “A mãe do Chico – No país tido como campeão mundial de cesarianas, a Maternidade municipal Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro do Rio, atingiu, em seis meses de funcionamento, a meta da OMS de ter mais de 90% dos partos normais” (*O Globo*, 16/11/2012, p.12).

<sup>6</sup> “Entre os hospitais públicos do município, a Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro, é a que tem a menor taxa de cesarianas da cidade: 18%. Inaugurada em maio de 2012, a unidade já é referência e tem atraído até grávidas com planos de saúde. Após uma experiência traumática no nascimento do primeiro filho, hoje com 5 anos, a arquiteta Ana Karina Costa Amaral, de 36 anos, abandonou a médica do plano de saúde, já na 41ª semana de gestação, para ter a pequena Luiza na nova maternidade” (*O Globo*, 23/09/2013, p. 8).

A partir da análise das fontes e de seus discursos, reafirma-se a busca por objetividade dos jornalistas. Em *A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas*, Gaye Tuchman afirma que os jornalistas podem apontar que fazem a distinção entre aquilo que pensam e aquilo que relatam.

Eles podem afirmar que 1) apresentaram versões diferentes de uma mesma realidade, 2) apresentaram provas suplementares para fundamentar um facto, 3) utilizaram aspas para indicar que o repórter não está a dar uma versão dos acontecimentos, 4) apresentaram os factos mais importantes primeiro, e 5) separaram cuidadosamente os factos das opiniões (...). (1972 *apud* TRAQUINA, 1993, p. 88-89).

Especializado em neonatologia, o pediatra José Vicente de Vasconcelos, da Maternidade Leila Diniz, alerta que a prematuridade provocada pela cesariana pode causar problemas respiratórios no bebê. A subsecretária de Atenção à Saúde da SES-RJ, a médica sanitária Mônica Almeida, e a vice-presidente do Cremerj, Vera Ferreira, afirmam que o alto número de cesarianas muitas vezes é provocado pela falta de leitos de maternidade, inclusive na rede privada. O médico seria obrigado a marcar dia e hora para garantir a vaga da paciente. Vera cita também como motivo a baixa remuneração dos médicos e o próprio desejo da mulher de fazer cesariana.

O secretário municipal de Saúde, Hans Dohmann, afirma que o Programa Cegonha Carioca tem conseguido assegurar o atendimento às gestantes da capital com gerenciamento otimizado da demanda, reconhece que grávidas de outros municípios ainda peregrinam por atendimento e não entra em conflito com as entidades médicas dizendo que a decisão, sobre o tipo de parto, “soberana e legítima é sempre do médico”.

### **Vontade de verdade e rituais de objetividade**

Para Traquina, nenhum valor no jornalismo como a objetividade tem sido objeto de tanta discussão, crítica e má compreensão. O autor cita que, em sua tese de Doutorado, Michael Schudson descobriu que o conceito de objetividade no jornalismo não surgiu como negação da subjetividade, mas como reconhecimento da sua inevitabilidade.

O valor da objetividade nasceu no jornalismo no século XX, mas surgiu com base numa mudança fundamental do jornalismo, que ocorreu no século XXI, em que a primazia era dada aos fatos, e não às opiniões. Nasceu, no século XIX, (...) um culto dos fatos que permaneceu até a primeira parte do século XX. Como explica Schudson (1978), o surgimento do conceito de objetividade nos anos 1920 e 1930 nos Estados Unidos não foi a expressão

final de uma fé que já existia no jornalismo nos cultos dos fatos mas, pelo contrário, um método concebido em função de um mundo novo no qual mesmo os fatos não mereciam confiança (TRAQUINA, 2011, p. 137-138).

De acordo com a Teoria do Agendamento ou Agenda-setting, a mídia determina a pauta para a opinião pública ao destacar determinados temas e ignorar outros, ou seja, a mídia teria capacidade de agendar a população. Acredita-se que o agendamento ocorra porque a imprensa deve ser seletiva ao noticiar os fatos. Profissionais de comunicação atuam como *gatekeepers* da informação, na medida em que escolhem o que noticiar e o que ignorar. Novos experimentos e análises foram realizados e descobriu-se que a mídia não apenas agenda a população, como também a população agenda a mídia e um tipo de mídia agenda ao outro. Embora essa estrutura de agendamento mídia-receptor, receptor-mídia e mídia-mídia não se dê na mesma intensidade ou escala de valor.

Em outubro de 2013, mortes de bebês na unidade foram amplamente divulgadas nos principais meios de comunicação. Como podemos observar na matéria<sup>7</sup> do site G1, em 9 de outubro, pode-se supor que a população agendou a mídia, com o respaldo de associações como Cremerj e Sociedade de Ginecologia e Obstetrícia do Rio de Janeiro (SGORJ). Em seu estudo, Tuchman fala sobre o dilema da identificação e verificação dos fatos.

(...) ao emparelhar as pretensões de verdade ou ao publicá-las à medida que vão surgindo durante uma série de dias, os jornalistas reclamam a objetividade. Como dizem os jornalistas, o leitor pode não ser confrontado com os pontos de vista acerca de uma notícia num só dia, mas ele irá ser confrontado com os pontos de vista ao longo de um certo período de tempo (TUCHMAN *apud* TRAQUINA, 1993, p. 80).

Diante do imediatismo da produção jornalística, as primeiras notícias sobre os óbitos de bebês na maternidade chamavam atenção para a denúncia, com relatos das vítimas, respaldo de órgãos oficiais e pronunciamento da SMS afirmando que os casos serão apurados. Durante a cobertura, o enfoque maior foi na dramatização, nos fatores negativos e na suposta busca pela verdade. Os casos médicos foram inclusive parar na delegacia envolvendo a investigação policial, além da apuração médica rotineira (Anexo D). A cada

---

<sup>7</sup> “Inconformados com a perda dos filhos, pais de recém-nascidos na Maternidade Municipal Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro do Rio, resolveram procurar a polícia. Pelo menos cinco bebês morreram na unidade hospitalar nos últimos meses. Há relatos de mulheres que ficaram em trabalho de parto durante 25 horas. Segundo os familiares, a insistência do hospital em realizar o parto normal compromete a vida dos bebês e das mães” (G1, 09/10/2013). Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/bebes-morrem-e-pais-acusam-hospital-do-rio-de-demora-no-parto.html>. Acesso em 21/07/2014.

nova matéria, os jornalistas procuravam novas fontes e informações como uma “busca pela verdade”. Podemos recorrer ao filósofo Michel Foucault pensar sobre essa relação entre uma vontade de saber e uma vontade de verdade.

Certamente, se nos situamos no nível de uma proposição, no interior de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem institucional, nem violenta. Mas se nos situamos em outra escala, se levantamos a questão de saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessou tantos séculos de nossa história, ou qual é, em sua forma muito geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então é talvez algo como um sistema de exclusão (sistema histórico, institucionalmente constrangedor) que vemos desenhar-se (FOUCAULT, 2011, p. 14).

Os jornalistas muitas vezes são acusados de parcialidade e de favorecerem um lado da versão do fato em detrimento de outro. Traquina afirma que os jornalistas acreditam que podem mitigar pressões contínuas com a argumentação de que o seu trabalho é objetivo. O autor cita quatro dos procedimentos de objetividade identificados por Tuchman. O primeiro é a apresentação de possibilidades conflituosas. “Ao apresentar tanto a versão da Fonte A, como a da Fonte B, o jornalista pode, então, reivindicar que foi ‘objetivo’ porque apresentou ‘os dois lados da questão’ sem favorecer qualquer indivíduo ou partido político” (TRAQUINA, 2011, p. 142).

O segundo é a apresentação de provas auxiliares, que consiste na localização e citação de “fatos” suplementares que são aceitos como verdadeiros. O terceiro procedimento é o uso das aspas. “Ao inserir a opinião de alguém, os jornalistas acham que deixam de participar na notícia e deixam os ‘fatos’ falarem. O uso de citações faz desaparecer a presença do repórter” (TRAQUINA, 2011, p. 142).

As fontes da matéria do site G1 foram Mayara da Silva Rosa; Carla Marins; Leonardo Freitas de Moraes; Janif Cristine Costa do Nascimento; Felipe dos Santos Martins; Ariane Katlei da Silva, pais dos bebês mortos; Vera Fonseca, conselheira do Cremerj; Marcelo Burlá, presidente do SGORJ; Karina Regule, delegada; e a SMS, que se pronunciou a partir de uma nota de esclarecimento sobre cada um dos casos.

O quarto é a estruturação da informação numa sequência apropriada, sendo a informação mais importante de um acontecimento suposta a ser apresentada no primeiro parágrafo. “Para Tuchman, esse procedimento, como um procedimento identificado com a objetividade, é o mais problemático, porque a escolha do *lead* (o primeiro parágrafo da notícia) é da responsabilidade do jornalista” (TRAQUINA, 2011, p.143).

A matéria do site G1 começa falando sobre a morte dos bebês na maternidade, segue com o relato dramático de duas das mães enterrando seus filhos e com os relatos dos atendimentos de pais e mães que perderam seus bebês, alternados com falas de órgãos oficiais. A resposta da SMS sobre cada um dos casos aparece, separadamente, no fim da matéria. Sendo assim, o leitor tem um contraponto das informações apresentadas inicialmente, apenas no final do texto, se chegar a ler a notícia por completo. Traquina mostra as notícias como construção social a partir da interação entre diferentes agentes sociais e afirma que o uso de estratégias de comunicação é legítimo.

A compreensão teórica que este manual pretende oferecer aos futuros jornalistas é ver as notícias como uma “construção” social, o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol das suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia. A promoção das estratégias de comunicação é legítima e só é “manipulação” quando métodos ilegítimos, como a mentira ou documentos forjados, são utilizados (TRAQUINA, 2012, p. 28).

Os óbitos de bebês na unidade poderiam ser fatos isolados, mas com a organização das mulheres que perderam seus filhos e o respaldo de órgãos oficiais se tornaram um acontecimento. Traquina (2004) aponta que o ritmo do trabalho jornalístico, o valor do imediatismo, a definição do jornalismo como relatos atuais sobre acontecimentos atuais, têm como consequência uma ênfase nos acontecimentos e não nas problemáticas. “Os acontecimentos estão concretamente enterrados na teia de faticidade (TUCHMAN, 1978), ou seja, o tradicional quem, o quê, quando, onde, como e porquê do *lead* tradicional.” (TRAQUINA, 2004, p.184).

### **O desvio como regra**

A situação de perder um filho é um drama que se encaixa bem para retomar e ilustrar o paradigma da negligência do serviço público de saúde. Ao abordar os óbitos dos bebês como um acontecimento, que precisa ser investigado, inclusive com participação da polícia, diminui-se ou omite-se a problemática que está por trás dos fatos. A reafirmação da ideia de que optar pela cesariana é uma opção da mulher e que está é a forma mais segura de se ter um bebê é interessante para a classe médica, que perde pacientes que optam pelo parto normal ou natural, que pode realizado por enfermeiras obstetras ou doulas e, quando realizados por médicos, demandam muito tempo e proporcionam baixo retorno financeiro.

Os próprios conceitos de noticiabilidade requerem aos jornalistas pressuposições sobre o que é normal na sociedade. Escreve Gitlin (1980, p. 15): “Ao dar destaque ao desvio, ao bizarro e ao pouco comum, os jornalistas apoiam implicitamente as normas e os valores da sociedade” (TRAQUINA, 2011, p.199-200).

Casos de óbitos de bebês com pouco tempo de vida são previstos pela comunidade médica dentro de certos padrões, como causa, número e período de tempo. Todos os óbitos materno-infantis são investigados por comissões, tanto na maternidade quanto na SMS. Os cinco óbitos ocorreram em março, junho, setembro e outubro. Quatro dos óbitos foram por síndrome de aspiração meconial e um devido à contaminação congênita por doença contagiosa da mãe não divulgada à imprensa por questões éticas de sigilo médico.

Traquina afirma que as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia cria o acontecimento. “O primeiro poder dos jornalistas é a decisão última de decidir o que é notícia, sabendo que a notícia dá existência pública aos acontecimentos ou à problemática. É o já mencionado saber de reconhecimento” (TRAQUINA, 2011, p. 205).

Traquina ressalta ainda que para a teoria interacionista, as notícias são o resultado de processos de interação social não só entre os jornalistas e as fontes, mas também entre os próprios jornalistas, vistos como membros de uma comunidade profissional.

Outra expressão crucial da cultura jornalística é a sua maneira própria de ver o mundo. Devido ao papel dos valores-notícia, isto é, os critérios de noticiabilidade que orientam o processo de produção das notícias, gera-se um *group think*, a partilha de “hábitos mentais” que criam fenômenos bem documentados de jornalismo de matilha (*pack journalism*) e *media frenzy* (a cobertura massiva e frenética de um acontecimento). A existência de um modo de ver, modo de agir e modo de falar estabelece um elo de ligação bastante forte entre os membros da diáspora jornalística (TRAQUINA, 2011, p.204).

Em 2013, a maternidade foi mencionada 42 vezes, sendo 30 vezes de forma negativa. A análise das menções da maternidade na mídia, no ano de 2013, demonstram que os jornalistas noticiam mais o desvio, 71% das notícias foram negativas. Demonstra também o fenômeno do jornalismo de matilha e a cobertura massiva e frenética de um acontecimento, já que das 30 notícias negativas, 29 foram no mês de outubro, quando foi noticiado o caso dos óbitos dos bebês.

### **Notícias: o acesso à mídia como poder**

O jornalismo de massa muitas vezes serve aos interesses do capital e é produzido para reproduzir comportamentos e não para informar. As empresas jornalísticas geralmente estão ligadas a interesses comerciais de alguma empresa, grupo econômico, ou também tem relações implícitas com o Estado ou representantes de elites econômicas. A disputa pelo poder no campo da imprensa é pela influência na construção da realidade e na capacidade que a mídia tem, no longo-prazo, de formular a visão das pessoas sobre o mundo, como se o que não está na mídia, não tivesse relevância social. Traquina indica que para a teoria interacionista, o acesso ao campo jornalístico é um bem estruturado socialmente e as fontes não são iguais no seu acesso a esse campo.

Decorre desta conclusão que o acesso aos media é um poder. Para Gans (1979, p. 81), fontes, jornalistas e público coexistem dentro de um sistema que se assemelha mais ao jogo da corda do que a um organismo funcional inter-relacionado. No entanto, os jogos da corda são decididos pela força: e as notícias são, entre outras coisas, o exercício do poder sobre a interpretação da realidade (TRAQUINA, 2004, p.197).

Contrário ao discurso de massa e a ideia de que a cesariana diminui todos os riscos, o filme *O Renascimento do Parto* retrata a grave realidade obstétrica mundial e, sobretudo brasileira, que se caracteriza por um número alarmante de cesarianas ou de partos com intervenções traumáticas e desnecessárias, em contraponto com o que é sabido e recomendado hoje pela ciência. Através dos relatos de especialistas na área e das mais recentes descobertas científicas, o filme questiona o modelo obstétrico atual, promovendo uma reflexão acerca do novo paradigma do século XXI.

O filme foi lançado em 2013 com todas as despesas de filmagem e produção custeadas com recursos próprios dos produtores, Érica de Paula e Eduardo Chauvet. Os custos de distribuição e de divulgação foram pagos por pessoas que acreditam na causa da humanização do parto, sendo recorde de financiamento coletivo no Brasil. Por ser uma produção independente, o documentário apresenta as sérias conseqüências perinatais, psicológicas, sociais, antropológicas e financeiras que o excesso de cesáreas traz, expondo questões polêmicas, pouco divulgadas pela mídia. Defensor do parto natural e militante a favor do esclarecimento de mitos que envolvem o nascer sem intervenções médicas, o filme alcançou grande público e colocou em pauta um importante debate para a área.

Em 19 de outubro de 2013, foi compartilhado na página do Facebook de *O renascimento do parto – o filme*, que conta com mais de 98 mil curtidas<sup>8</sup>, o álbum "Marcha pela Humanização do Parto-RJ" com uma carta aberta à população, ao Cremerj e à imprensa sobre a repercussão dos óbitos de bebês no HMMABH.

A carta enfatizava que, diferente do que a imprensa divulgou, a forma de atendimento da maternidade não foi a causadora da morte dos bebês e a unidade não força a realização do parto normal. De acordo com o relato de mães que tiveram seus bebês na maternidade o atendimento foi alinhado com as práticas humanizadas que demonstram eficiência e diminuem a chance de partos com intervenções de rotina características de um atendimento violento e desumano.

Rebate ainda as afirmações da obstetra e conselheira do Cremerj, Vera Fonseca; e do presidente da SGORJ, Marcelo Burlá. As militantes reforçam que são solidárias à dor das famílias que perderam seus bebês e exigem que as mortes sejam investigadas assim como as queixas por mau atendimento nesta e em qualquer maternidade do Rio de Janeiro. E são contra a veiculação de notícias que denominam como parciais e sensacionalistas.

Traquina fala que os movimentos sociais com poucos recursos têm dificuldades em ver os seus acontecimentos transformados em notícia. “A cobertura do movimento social depende em parte da capacidade de criar um aparelho de publicitação e demonstrar a sua vontade de participar na teia de faticidade que sustenta o trabalho jornalístico”. (TRAQUINA, 2011, p.199)

No dia 12 de outubro de 2013, o jornal *O Dia* noticiou o abraço ao HMMABH, ato promovido por mulheres que tiveram seus bebês na unidade e são a favor do parto humanizado. A ação é uma espécie de repúdio à repercussão negativa dos quatro casos de mortes de recém-nascidos investigados. As participantes “respeitam o sentimento de perda das mães, mas acreditam que as causas dos óbitos devem ser esclarecidas o mais rapidamente possível, para que não haja um julgamento precipitado” (Anexo E).

Diante da grande repercussão negativa em torno do atendimento na maternidade e em relação ao parto normal, os movimentos sociais defensores do parto normal humanizado buscaram as maneiras possíveis de também manifestarem sua opinião. A partir de sites próprios, redes sociais e de manifestações. O abraço à maternidade foi uma das maneiras de chamar a atenção da grande mídia e dar visibilidade a quem estava sem voz durante a cobertura do caso dos óbitos de bebês na unidade.

---

<sup>8</sup> Página acessada em julho de 2014.

### Considerações finais

A partir da análise da cobertura de acontecimentos envolvendo o HMMABH e o parto normal humanizado pelo viés das teorias do jornalismo, é possível reafirmar que fontes oficiais correspondem melhor do que outras às necessidades dos jornalistas, que os rituais de objetividade são usados na construção da narrativa jornalística, o que o público sabe e com o que se importa em dado momento é, em grande parte, um produto do *gatekeeping* midiático e o desvio é mais noticiável que o consenso.

Mesmo um órgão oficial como a SMS, ao defender uma questão polêmica como a promoção do parto normal humanizado e a diminuição da taxa de cesarianas, fica vulnerável à manifestação de outras instituições e aos interesses capitalistas e organizacionais. O espaço no discurso midiático é visto como um poder para as instituições envolvidas nesta temática.

Neste estudo de caso, é possível afirmar que as notícias positivas têm espaço na mídia, mas as negativas continuam sendo mais divulgadas e exploradas. É observado que se um pequeno grupo apresenta uma denúncia, um desvio, este ganha prioridade como fonte frente a órgãos oficiais e especialistas.

Segundo Gitlin (1980), os próprios processos de enquadramento são influenciados pelas pressuposições tradicionais do jornalismo: 1) as notícias envolvem acontecimentos, e não as condições que produzem os acontecimentos; 2) as notícias privilegiam as pessoas, e não o grupo; 3) as notícias destacam o conflito, e não o consenso; 4) as notícias privilegiam o fato que “alimenta” a “estória”, e não o fato que a explica (TRAQUINA, 2011, p. 199-200).

O estudo do jornalismo põe em causa o mito do jornalismo como um contra-poder. A teoria interacionista reconhece o papel do jornalismo como uma força conservadora, mas também reconhece que pode constituir um recurso para os agentes sociais que contestam os *status quo* e os valores dominantes.

### Referências bibliográficas

AVELLAR, Simone. **Um novo endereço para as futuras mães.** *O Globo*. Rio de Janeiro, 14 de maio de 2012.

CARVALHO, Janaína. **Bebês morrem e pais acusam hospital do Rio de demora em partos.** G1. Rio de Janeiro. 09 de outubro de 2013. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/10/bebes-morrem-e-pais-acusam-hospital-do-rio-de-demora-no-parto.html>. Acesso em 18 de junho de 2014.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

GOIS, Ancelmo. **A mãe do Chico**. *O Globo*. Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2012.

MENDES, Thaís. **Escolha antinatural**. *O Globo*. Rio de Janeiro, 23 de setembro de 2013.

MOTTA, L.G. **A Análise Pragmática da Narrativa Jornalística**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 28., 2005. Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/105768052842738740828590501726523142462.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2014.

O DIA. **Mães fazem abraço à maternidade**. Rio de Janeiro, 12 de outubro de 2013.

O DIA. **Mamaço na porta de hospital**. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 2013.

O DIA. **Polícia Civil vai investigar mortes na maternidade**. Rio de Janeiro, 11 de outubro de 2013.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. Florianópolis: Insular, 3. ed. rev. 2012.

TUCHMAN, G. **A objetividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, N. (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993. p. 61-73.

WHITE, D. **O gatekeeper**: uma análise de caso na seleção de notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. 2. ed. Lisboa: Vega Editora, 1999.

## Anexo A

O GLOBO  
Rio

Pág. 11

14/05/2012

1/1

### Um novo endereço para as futuras mães

Município inaugura maternidade na Rua Moncorvo Filho, no Centro, com capacidade para fazer até 500 partos por mês

Simone Avelar  
[simone.avelar@globo.com.br](mailto:simone.avelar@globo.com.br)

• O prefeito Eduardo Paes inaugurou ontem, no Dia das Mães, o Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro. A unidade funciona com uma equipe de cem médicos e tem capacidade para fazer até 500 partos por mês. Com um investimento de R\$ 14 milhões, o espaço abriga 88 leitos de internação, 34 de terapia intensiva neonatal e três salas de cirurgia. Equipada com tecnologia de ponta, a unidade, na Rua Moncorvo Filho, tem aparelhos de ventilação mecânica, incubadoras modernas e sala de ultrassonografia.

O secretário municipal de Saúde, Hans

Dohmann, disse que a maternidade será um reforço importante na capacidade do município de atender as gestantes da cidade:

— Recentemente inauguramos uma maternidade no Hospital Pedro II, em Santa Cruz, e no próximo mês teremos o Hospital da Mulher, em Bangu. Assim, vamos chegando à quantidade de leitos necessário para que as futuras mães possam ser cuidadas com carinho.

As obras da maternidade ficaram paradas durante quatro anos e foram retomadas em março de 2011. A unidade homenageia a mãe do compositor Chico Buarque — ela morreu em maio de 2010, aos 100 anos. Na inauguração, estiveram presentes a cantora Miúcha, filha de Maria Amélia, e Sílvia de Albuquerque, irmã da homenageada.



O PREFEITO VISITA o setor de incubadoras



MIÚCHA E SÍLVIA (à direita) na inauguração

## Anexo B

O GLOBO  
Rio

Pág.:12



16/11/2012

2/3

www.oglobo.com.br/ancelmo

# ANCELMO GOIS

MARCEU VIEIRA COM ANA CLÁUDIA GUIMARÃES,  
DANIEL BRUNET E JORGE ANTONIO BARROS



## A mãe do Chico

No país tido como campeão mundial de cesarianas, a Maternidade municipal Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro do Rio, atingiu, em seis meses de funcionamento, a meta da OMS de ter mais de 90% dos partos normais.

## Anexo C

O GLOBO  
Rio

Pág.:8



23/09/2013

1/3

RISCOS PARA RECÉM-NASCIDOS

# Escolha antinatural

Na rede particular do Rio, 93% dos partos são cesarianas, embora OMS recomende até 15%

Tais Mendes  
tais@oglobo.com.br

Nas maternidades particulares da cidade do Rio, praticamente não nascem mais crianças de parto normal. Segundo a Secretaria municipal de Saúde, 93% dos partos realizados nos hospitais privados são cesarianas, quando a Organização Mundial de Saúde recomenda que esse percentual não ultrapasse os 15%. Já nas unidades públicas do município, o índice é de 36%. Com isso, a capital tem, juntando maternidades particulares e públicas, 57% de cesarianas, contra 52% em todo o Brasil.

Entre os hospitais públicos do município, a Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro, é a que tem a menor taxa de cesarianas da cidade: 18%. Inaugurada em maio de 2012, a unidade já é referência e tem atraído até grávidas com planos de saúde. Após uma experiência traumática no nascimento do primeiro filho, hoje com 5 anos, a arquiteta Ana Karina Costa Amaral, de 36 anos, abandonou a médica do plano de saúde, já na 41ª semana de gestação, para ter a pequena Luiza na nova maternidade.

— A médica pediu dinheiro por fora para acompanhar o meu trabalho de parto. Chegamos a aceitar, mas no final da gestação ela disse que a criança estava muito alta e que a cesariana seria necessária. Nunca mais voltei ao consultório dela, e minha filha nasceu de parto normal, no hospital público, com 42 semanas de gestação, sem qualquer problema — contou.

O tema preocupa especialistas e ganhou as telas de cinema. Em cartaz desde agosto, o filme “O renascimento do parto”, de Érica de Paula e Eduardo Chauvet, retrata o número alarmante de cesarianas no Brasil e mostra as consequências clínicas e psicológicas para os bebês, que cada vez mais nascem prematuros. Através de relatos de especialistas na área, o longa promove uma reflexão sobre o futuro de uma civilização nascida sem os chamados “hormônios do amor”, liberados, segundo médicos, apenas em condições específicas do trabalho de parto.

### MÉDICO ALERTA PARA PERIGOS DA PREMATURIDADE

Especializado em neonatologia, o pediatra José Vicente de Vasconcelos, da Maternidade Leila Diniz, na Barra da Tijuca, alerta que a prematuridade provocada pela cesariana pode causar problemas respiratórios no bebê. A OMS considera prematuras crianças que nascem antes de 37 semanas completas — e é comum o agendamento de cesarianas já a partir da 37ª semana.

— A prematuridade leva a muitos riscos, como o de doenças respiratórias, que podem exigir internação e afastar a mãe do bebê. Ele demora mais para começar a se alimentar. Além disso, há o perigo de infecção hospitalar. O trabalho de parto é importante porque o bebê, quando passa pelo canal de parto, elimina o excesso de líquido dos pulmões. Na cesariana, isso não acontece. O bebê nasce cheio de líquido nos pulmões e, muitas vezes, tem dificuldade para respirar. São muitos os riscos, mas infelizmente temos uma epidemia de cesarianas, que só deveriam ser adotadas quando há perigo para a mãe e a criança — alerta.

Aline Sudo, consultora de amamentação, conta que bebês que nascem de cesariana apresentam mais dificuldades para mamar no peito:

— No parto normal, o bebê já está pronto para começar a mamar na hora em que nasce. Na cesariana, como é marcada, muitas vezes o bebê ainda não está pronto e pode ter algum transtorno na hora de fazer contato com a mãe.

O índice de cesarianas em todo o estado chegou a 62% em 2012. Subsecretária de Atenção à Saúde da Secretaria estadual de Saúde, a médica sanitária Mônica Almeida disse que o problema muitas vezes é provocado pela falta de leitos de maternidade, principalmente na Baixada Fluminense.

— O médico, então, é obrigado a marcar dia e hora, para não correr o risco de, na hora do parto, não haver vaga para a paciente — contou.

Após uma experiência traumática em duas cesarianas, Júlia Araújo dos Santos, de 23 anos, moradora de Duque de Caxias, decidiu buscar atendimento na maternidade carioca Maria Amélia Buarque de Hollanda.

— Uma amiga indicou esta maternidade e disse que o atendimento é igual ao de hospital particular. É o meu primeiro dia aqui, mas já percebi que é muito melhor do que lá perto de casa — comentou Júlia, que está com 39 semanas de gravidez.

O secretário municipal de Saúde, Hans Dohmann, reconhece que ainda há casos de grávidas que peregrinam em busca de atendimento, mas afirma que são pacientes de outros municípios. Segundo ele, o projeto Cegonha Carioca tem conseguido assegurar o atendimento às gestantes da capital. Sobre os altos índices de cesariana, o secretário destacou que a decisão “soberana e legítima é sempre do médico”.

— Ainda temos um espaço para caminhar até alcançar as recomendações da Organização Mundial de Saúde, mas já estamos próximos. Um trabalho de educação dos profissionais de saúde e das gestantes, que muitas vezes preferem a cesariana, é que vai nos aproximar das recomendações — acredita.

De acordo com a vice-presidente do Cremerj, a obstetra Vera Ferreira, o médico marca a data para garantir a internação, inclusive porque há falta de leitos também na rede privada:

— Nos municípios menores, o problema é a falta de profissionais, e os médicos acabam marcado cesariana nos dias em que têm certeza de que a equipe estará completa. Outra questão é a baixa remuneração. Um parto normal demora em média 12 horas, e o profissional recebe cerca de R\$ 300 para acompanhar todo esse tempo e os dias seguintes. Fora isso, tem o próprio desejo da mulher de fazer cesariana. O Cremerj não defende isso e tem a preocupação de sempre informar que o parto normal é a primeira via. ●

## Anexo D

O DIA - RJ  
Rio de Janeiro

Pág.: 14



11/10/2013

1/1

# Polícia Civil vai investigar mortes na maternidade

Delegada solicitará escalas de plantão dos dias em que mães de bebês mortos estiveram na unidade para que funcionários sejam intimados a prestar depoimento

A Polícia Civil abriu inquérito para investigar as mortes de quatro bebês ocorridas nas últimas semanas na Maternidade Municipal Amélia Buarque de Hollanda, no Centro, como mostrou a edição de ontem do **DIA**. A delegada Karina Regufe, da 5ª DP, solicitará as escalas de plantão dos dias em que as mães estiveram na unidade para que os funcionários sejam intimados a prestar depoimento.

Ontem, quatro mães foram à delegacia e relataram a insistência dos funcionários em realizar parto normal, mesmo em casos onde o trabalho de parto chegou a du-

rar 25 horas. Erros nos prontuários de atendimento também foram mostrados. A delegada solicitou à maternidade as documentações de mães e bebês para serem periciados. Os exames pré-natal já estão sendo analisados.

Na quarta, Carla Marins, mãe de uma das vítimas, quebrou vidros da fachada da maternidade. Ela perdeu seu filho recém nascido na segunda-feira e se desesperou ao não receber seu prontuário de atendimento, que estaria em posse do diretor da unidade. Procurados, os funcionários da maternidade não quiseram se pronunciar.



Na quarta, mãe de uma vítima quebrou vidros da fachada da maternidade. Ontem, eles ainda estavam quebrados

Em nota, a Secretaria Municipal de Saúde informou que os prontuários de Carla “estão guardados na unidade, aos cuidados da Comissão de Óbitos”. O órgão disse também que possui comissões na unidade e na secretaria para investigar os óbitos dos bebês.

Ontem, a Sociedade de Ginecologia e Obstetria do Rio de Janeiro pediu ao Conselho Regional de Medicina do Rio (Cremerj) para investigar o caso. “O resultado das investigações da Cremerj poderão levar o caso a ser investigado pelo Ministério Público”, disse Marcelo Burlá, presidente da sociedade.

### META

#### Pressão por parto normal vem da OMS

■ O Brasil é recordista quando o assunto é partos por cesárea. Entretanto, o procedimento é mais comum na rede privada. Dados do Ministério da Saúde indicam que 38% dos partos feitos no Sistema Único de Saúde são dessa forma. A Organização Mundial da Saúde recomenda que o máximo seja 15%.

Para Marcelo Burlá, o parto normal é recomendável,

mas a OMS colocou uma “meta inalcançável”. “Existe uma pressão para realização de partos normais, mas isso traz insegurança para mãe e bebê. O parto precisa ser seguro”, argumentou o presidente da SGORJ.

Ele disse ainda que um parto de 25 horas é “inaceitável”. “É necessário uma ampla conversa com médicos e enfermeiros sobre o tema”, finalizou.

## Anexo E

O DIA - RJ  
Rio de Janeiro

Pág.: 8



12/10/2013

1/1

# Mães fazem abraço à maternidade

Objetivo é que mortes de bebês sejam esclarecidas para evitar julgamento precipitado

Mulheres que deram à luz no Hospital Maternidade Maria Amélia Buarque de Hollanda, no Centro — e ficaram satisfeitas com o atendimento — realizarão um ato hoje, às

10h, em frente à unidade. A manifestação, que contará com um abraço à instituição e amamentação coletiva, será uma espécie de repúdio à repercussão negativa dos qua-

tro casos de mortes de recém-nascidos investigados esta semana. Segundo depoimentos prestados quinta-feira, na 5ª DP (Centro) por pacientes, funcionários teriam insistido

para fazer partos normais.

As manifestantes esclarecem que sentem pela morte dos bebês e respeitam o sentimento de perda das mães, mas acreditam que as causas

dos óbitos devem ser esclarecidas o mais rapidamente possível, para que não haja um julgamento precipitado. O movimento afirma não ser contra cesarianas. O Brasil é campeão mundial em número de cesarianas. Entre 2000 e 2010, o percentual desse tipo de parto aumentou de 37,8% para 52,3% de todos os partos realizados.